IGUALDADE SUBSTANTIVA E ALTERNATIVA SOCIALISTA PARA A HUMANIDADE: a perspectiva de István Mészáros

Kaithy das Chagas Oliveira¹

Resumo: Esta exposição busca discutir um conceito fundamental trabalhado pelo filósofo István Mészáros, o conceito de igualdade substantiva. Tal noção parte da problematização de alguns princípios que formaram o alicerce ideológico, político e econômico da modernidade, como são a liberdade e a igualdade. A noção de igualdade substantiva é tomada pelo seu potencial articulador da vida social, na construção de um mundo em que prevaleça os laços propriamente socialistas, a partir da cooperação irrestrita de “sujeitos livremente associados”. A igualdade substantiva aparece como aspecto imprescindível ao qual um outro modo de vida deverá ser construído. O estudo aqui realizado é produto da análise conceitual de alguns textos fundamentais do autor, nos quais ele trata do conceito de igualdade substantiva de modo aprofundamento e articulado com outros temas. Como síntese deste estudo, a perspectiva socialista revolucionária é discutida a partir da proposição de Mészáros, como alternativa mais viável para o não extermínio da humanidade do planeta, em um plano sustentável efetivo, para além dos reformismos típicos do mundo capitalista.

Palavras-chave: Igualdade Substantiva – Associação – Sujeitos Livres – Socialismo.

SUBSTANTIVE EQUALITY AND SOCIALIST ALTERNATIVE FOR HUMANITY: the perspective of István Mészáros

Abstract: This exhibition seeks to discuss a fundamental concept worked out by the philosopher István Mészáros, the concept of substantive equality. This notion is part of the problematization of some principles that formed the ideological, political and economic foundation of modernity, such as freedom and equality. The notion of substantive equality is taken by its potential articulator of social life, in building a world in which prevails the proper socialist bonds, from the unrestricted cooperation "freely associated individuals." Substantive equality appears as an essential aspect to which

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG), doutoranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas da Universidade de Brasília (UnB). Atua como docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Campus Formosa (IFGO/Formosa). E-mail: kaithyoliveira@gmail.com

another way of life must be constructed. The study carried out here is a product of the conceptual analysis of some of the author's fundamental texts, in which he deals with the concept of substantive equality in a deeper way and articulated with other themes. As a summary of this study, the revolutionary socialist perspective is discussed from Mészáros proposition, as most viable alternative for non-extermination of humanity on the planet, in an effective sustainable plan in addition to the typical reformisms the capitalist world.

Keywords: Substantive Equality – Association – Free Subjects – Socialism.

IGUALDAD SUSTANTIVA Y ALTERNATIVA SOCIALISTA PARA LA HUMANIDAD: la perspectiva de István Mészáros

Resumen: Esta exposición busca discutir un concepto fundamental trabajado por el filósofo István Mészáros, el concepto de igualdad sustantiva. Tal noción parte de la problematización de algunos principios que formaron el cimiento ideológico, político y económico de la modernidad, como son la libertad y la igualdad. La noción de igualdad sustantiva es tomada por su potencial articulador de la vida social, en la construcción de un mundo en que prevalezcan los lazos propiamente socialistas, a partir de la cooperación irrestricta de "sujetos libremente asociados". La igualdad sustantiva aparece como aspecto imprescindible por el cual otro modo de vida deberá ser construido. El estudio aquí realizado es producto del análisis conceptual de algunos textos fundamentales del autor, en los que trata del concepto de igualdad sustantiva de modo profundizado y articulado con otros temas. Como síntesis de este estudio, la perspectiva socialista revolucionaria es discutida a partir de la proposición de Mészáros, como alternativa más viable para el no exterminio de la humanidad del planeta, en un plano sustentable, además de los reformismos típicos del mundo capitalista.

Palabras clave: Igualdad Sustantiva – Asociación – Sujetos Libres – Socialismo.

Frente à numerosa quantidade de informações, muitas vezes desconexas e pouco críticas, acerca dos desenvolvimentos do mundo atual, o trato de conceitos fundamentais torna-se uma tarefa complexa e imprescindível, haja vista a necessidade de se ocupar da elucidação dessa realidade que não se dá a conhecer em sua aparência imediata, e exatamente por isso torna-se cada vez mais carente de desvendamento e explicitações. Para tanto, é preciso ir além das falsas panacéias divulgadas ao longo da história e constituintes do arcabouço ideológico que sustenta a retórica em torno das realizações contemporâneas. Apontando para este caminho, o presente estudo visa tratar de um conceito importante na obra de István Mészáros, o conceito de igualdade substantiva, que ocupou significativo destaque em muitas de suas obras e discussões.

István Mészáros² possui uma considerável produção teórica, muitas obras já traduzidas para o português, mas se sobressai com a publicação do livro *Para além do capital*, no qual apresenta a ideia de igualdade substantiva como possibilidade de construção de outra forma de conduzir a vida em âmbito global, pautando-se por relações sociais que se baseiam em alternativas cooperativas entre os seres humanos. É, nesse sentido, que Mészáros aposta em uma teoria que elucida o caminho para uma transição socioeconômica, política e cultural. Tal compreensão é articulada dentro de parâmetros densos de análises, que retomam muitos elementos apresentados no *Capital*³ de Karl Marx, com vistas na “atualização” desta importante obra, segundo as palavras do próprio autor. Sendo assim, construir a compreensão acerca da igualdade substantiva é, antes de qualquer coisa, retomar alguns aspectos importantes dessa discussão.

Tomando como marco fundamental de desenvolvimento moderno o período revolucionário burguês, emblematicamente situado nos finais do século XVIII, articulando-se com os desenvolvimentos modernos, alavancados em grande medida pelo colonialismo, se constitui como um movimento “desigual e combinado” (LINDEN, 2007) em escala global, baseando-se em promessas importantes que subsidiariam a concepção sociopolítica dos séculos subsequentes. Nesse contexto, os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade tornaram-se a mais elevada aspiração das nações que se constituiriam e a “propaganda” reiterada dos governos que perseguiram o alcance inexorável de modernização. Todavia, a concretude histórica demonstrou que tais princípios somente permaneceriam ao longo desse período no plano formal, esvaindo-se de sua essência fundamental e convertendo-se em frágil esperança irrealizável. Sobre a efetividade desses princípios Mészáros (2002, p. 224) afirma:

[...] liberdade, igualdade e fraternidade em outros tempos não foram palavras vazias ou alguma espécie de embuste cínico usados para desviar a atenção do adversário real. Ao contrário, essas palavras foram objetivos perseguidos com a paixão de uma classe (a burguesia progressista que ainda partilhava uma significativa causa comum com o trabalho, como componentes do “Terceiro Estado”) que mais tarde teve de esvaziar e, mais tarde ainda, descartar com desprezo (como “palavras vazias”) suas

² Nasceu em Budapeste em 1930, formando-se em Filosofia pelo Eötvös Collégium, a Escola Normal Superior húngara”. Tornara-se um pensador importante da teoria marxista e suas implicações históricas, obtendo premiações importantes em diversas obras produzidas, dentre as quais se inclui o prêmio “Memorial Isaac Deutscher” pelo estudo sobre “*Marx: a teoria da alienação*” (JINKINGS, 2006; ANTUNES, 2006), publicado no Brasil em 2006, com o título “*A teoria da alienação em Marx*”. Nos últimos anos, dedicou-se ao estudo e debate acerca do Estado, apresentando principalmente em sua obra “*Para além do Leviatã: crítica do Estado*”, publicada em três volumes no Brasil. Faleceu em outubro de 2017, prestes a completar 87 anos de idade.

³ Assim como em outras obras fundamentais, como o caso dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* de 1844.

convicções e aspirações para justificar até mesmo as mais gritantes iniquidades e desumanidades do domínio do capital na ordem social.

A frágil efetividade desses princípios se deu especialmente em função de obstáculos criados pelo “antagonismo estrutural inconciliável” da forma societária capitalista, que implicaram explicações ideologicamente concebidas, a partir das quais a ideia de liberdade, igualdade e fraternidade tornaram-se promessas irrealizáveis em sua base que, contraditoriamente, sustentam a retórica da concepção aparential desse mundo. Tomando esse processo de paulatino esvaziamento dos conceitos é possível por em evidência a noção de igualdade que então se estabelece nas últimas décadas, destacando-se como elemento central do enfraquecimento das possibilidades de intervenção social, bem como da naturalização da desigualdade que se define cada vez mais no mundo capitalista como única possibilidade histórica e elemento estrutural intransponível, uma vez que compõe o arcabouço ideológico que fomenta a noção de “ausência de saída”.

Trata-se, portanto, da estrutura edificada pelo mundo moderno que constitui um todo articulado que exige formas cada vez mais sofisticadas de dominação e alienação, baseado em um “sistema de controle sociometabólico” que é “estruturado de maneira mutuamente antagônico”, abarcando os espaços mais recônditos da vida e enquadrando quase todas as realizações do universo social, em sua proximidade com os campos da economia e política, em uma forma peculiar de existência que se pauta pela seguinte perspectiva: as “verdadeiras premissas de seu modo de funcionamento contínuo devem ser organizadas de modo que garantam a subordinação permanente do trabalho ao capital” (MÉSZÁROS, 2002, p. 217).

A existência desse antagonismo une-se e determina a intrínseca formalização da ideia de igualdade, bem como o acirramento histórico da desigualdade social que determina a lógica de funcionamento desse mundo que não se restringe ao “chão da fábrica”, mas, ao contrário, alcança espaços cada vez mais sofisticados da realização da vida social, implicando a manutenção do *status quo* em um sentido cada vez mais ampliado. Sendo assim, “[...] a instituição e o aperfeiçoamento da igualdade formal e da desigualdade substantiva pertencem ao modo normal de funcionamento do sistema do capital, o que está plenamente sintonizado com a tendência de homogeneização do princípio econômico dominante [...]” (MÉSZÁROS, 2002, p. 209).

O reconhecimento desses elementos constitutivos do sistema sociometabólico contemporâneo oferece os subsídios fundamentais para identificar limites históricos inerentes a essa forma societária. MéSZáros (2002) reconhece aí algumas contradições que indicam possibilidades de crítica frente a esse processo. Tomando

a precariedade de realização da igualdade, concebida apenas como fração que compõe a legislatura dos Estados-nação, evidencia-se o inevitável esvaziamento de seu sentido mais amplo alardeado pelo plano emancipatório iluminista, vai assumindo um feitio que opera com força reduzida, por converter-se em “direito” inacessível a grande parte dos sujeitos contemporâneos. Trata-se, portanto, do processo de formalização da igualdade que acaba por se colocar efetivamente como desigualdade substantiva.

A permanência da noção de igualdade, ainda que em seu aspecto formal, constitui uma contradição historicamente importante, pois se mantém como uma “promessa a todos e todas”, que de maneira nenhuma se realizará tendo em vista a desigualdade presente na base de concretização desse mundo, no entanto, permanece com reivindicação histórica, que deixa margem para a cobrança daqueles que não se beneficiam dessa “igualdade”, mais especificamente a classe que vive trabalhado (ANTUNES, 2002). Tal premissa tornou-se uma fissura permanente no desenvolvimento sociometabólico do capitalismo, por se tratar de uma promessa que é reiteradamente afirmada e negada, ao mesmo tempo, por sua inerente impossibilidade dentro dessa particularidade histórica. Assim, o que se afirma nesse processo com força cada vez maior é o próprio horizonte de “impossibilidade” de uma igualdade plena. Relegada a plano nenhum, a igualdade cede lugar a desigualdade maximizada, que nas palavras de Mészáros (2002) se substantiva.

Essa potencialização da desigualdade tomada já em seu sentido ampliado, como único possível a se realizar historicamente, torna-se a sua própria naturalização. Uma noção constituída mediante o encobrimento da real noção de tempo histórico, o que minimiza o confronto dos limites dessa compreensão hegemônica, concebida desde então como forma imutável, cristalizada e atemporal. Colocando-se em causa a desarticulação do tempo, que não mais opera no sentido ligar de maneira intrínseca as suas três dimensões inseparáveis, a saber, passado, presente e futuro. Ocorre aí o alargamento do presente, concebido como encerramento do processo histórico, justificado pela sua repetição alucinada e, também, pela sofisticação das formas de desenvolvimento e dominação, implicando o suposto de que tornou-se uma particularidade histórica insuperável. Segundo afirmação de Mészáros (2007, p. 23):

Os defensores da ordem vigente jamais poderiam entender o significado de suas palavras. Para eles, o tempo só pode ter uma dimensão: a *do eterno presente*. O passado para eles não é nada mais do que a projeção pregressa e a cega justificação do presente estabelecido; e o futuro é apenas a extensão autocontraditória atemporal da “ordem natural” do aqui e agora – por mais destrutiva, e, por conseguinte, também autodestrutiva – encapsulada no ditado reacionário e

negligente, constantemente repetido, segundo o *qual não há alternativa*. Perversamente, supõe-se que isso deva resumir o futuro. ()

A noção de tempo previsto nessa premissa é complementemente conveniente aos desdobramentos do capital, uma vez "eternizado" qualquer reivindicação de mudança no curso histórico de seu desenvolvimento soa anacrônico e inoportuno, já que não cabe nenhuma ruptura nesse sistema que se autoneomeia como "ápice de realização da humanidade". Assim, o antagonismo estrutural do mundo capitalista consegue se manter, se reestabelecendo das várias crises que lhe são inerentes. E é nesse cenário que a ideia de igualdade se torna incômoda e deve ser substituída por outras proposições que sejam menos ambiciosas, mas também igualmente inexequíveis para a totalidade dos sujeitos.

Essa temporalidade peculiar ao sistema sociometabólico do capital potencializa o declínio da dignidade humana, corroborando àquela compreensão de Marx (1964) em que a "vida revela-se simplesmente como meio de vida" (p. 164) tendo em vista o avassalador processo de alienação que confisca e mutila a vida humana que deveria se constituir a partir dos interesses "genéricos", em níveis cada vez mais sofisticados. Segundo Mészáros (2007, p. 33),

O modo historicamente único de reprodução sociometabólica do capital degrada o tempo porque a determinação objetiva mais fundamental de sua forma própria de intercâmbio humano é a condução irreprimível à contínua auto-expansão, definida pelas características intrínsecas a esse modo de intercâmbio societário como necessária expansão do capital, alcançada na sociedade de troca apenas por meio da exploração do tempo de trabalho. O capital, portanto, deve tornar-se cego com relação a todas as dimensões do tempo diversas da dimensão relativa ao trabalho excedente explorando ao máximo e o correspondente tempo de trabalho.

Sendo assim, o processo de desenvolvimento capitalista implica a ampliação da expropriação da própria vida dos trabalhadores, que possui como única mercadoria vendável a sua experiência vital, seja ela no espaço do "trabalho" ou mesmo quando se ocupa de atividades que lhe entretém, disponibilizados em seu "tempo livre". Considerando o nível de complexificação das formas de alienação, haja vista a sustentabilidade desse modelo social, torna-se evidente que esse processo se baseia na:

[...] conversão das várias áreas da experiência humana em "mercadorias vendáveis", e só poderia seguir, relativamente impermutável, o seu curso de desenvolvimento enquanto essa mercantilização universal de todas as facetas da vida humana, inclusive as mais privadas, não alcançasse seu ponto de saturação (MÉSZÁROS, 2006, p. 39).

Frente a essa realidade Mészáros problematiza a questão da insustentabilidade da ordem socioeconômica constituída pelo mundo capitalista, que precisa ser combatida a partir do seu interior, no momento imediato. O autor demonstra uma postura propositiva ao apontar a necessidade urgente de ruptura desde o interior do sistema atual e juntamente com tal rompimento a construção de outro caminho que tenha como finalidade a criação de alternativas a serem viabilizadas pela concretude histórica. Esse é o plano da superação dos limites impostos pela complexidade adquirida pela alienação humana, bem como a fundação de outra proposta de reprodução sociometabólica pautada por outro tipo humano que se imbui, a partir desta perspectiva, de uma consciência diferenciada desse processo, reivindicando uma igualdade substantiva que possa constituir as possibilidades de construção de outra realidade, que nasce e se impõe como única alternativa de permanência dos seres humanos neste planeta.

Essa ideia recupera um princípio importante presente nos textos mais elaborados de Marx, especialmente na obra *O Capital*, quando atribui relevância ao desvendamento dessa realidade que se faz falsa, mas apresenta-se como única possibilidade a ser concebida. Trata-se, portanto, da forma ideológica a qual se explicita essa realidade, que compõe a naturalização do processo que, no limite, se faz mediante os desenvolvimentos históricos. Em torno dessa perspectiva esclarece os limites que devem ser demarcados por uma compreensão "sagrada" da realidade de modo a transcendê-los. Assim,

O reflexo religioso do mundo real pode desaparecer quando as circunstâncias cotidianas, da vida prática, representarem para os homens relações transparentes e racionais entre si e com a natureza. A figura do processo social da vida, isto é, do processo da produção material, apenas se desprenderá do seu místico véu nebuloso quando, como produto dos homens livremente socializados, ela ficar sob seu controle consciente e planejado. Para tanto, porém, se requer uma base material da sociedade ou uma série de condições materiais de existência, que, por sua vez, são o produto natural de uma evolução histórica longa e penosa (MARX, 1988, p. 76).

A contradição inconciliável na qual Mészáros trata refere-se à manutenção dessa ordem social obstaculizada de uma compreensão complexa de seu funcionamento desde sua base, o que implica, na atualidade, não apenas o alheamento quase total dos indivíduos dos processos que os constituem humanos, mas, para além disso, coloca em risco a própria existência da humanidade. Sendo assim, a proposição categórica é de um responsável e inadiável enfrentamento lógico e histórico que deverá modificar o curso dos desenvolvimentos ora concretizados, tal premissa revela-se como único caminho a seguir, "a menos que estejamos dispostos a nos

resignar ao *status quo* e, com isso, aceitar a perspectiva de paralisia social contínua e a consequente [sic!] autodestruição humana” (MÉSZÁROS, 2007, p. 188).

Problematizando esse processo lógico e histórico que vem colocando em risco a vida (não só humana) na terra, Mézáros expõe duas proposições fundamentais que se constituem mutuamente como imperativos para a manutenção da própria humanidade. O primeiro sentido dessa dupla proposição é a necessidade de se constituir um desenvolvimento realmente sustentável, sem o qual qualquer tentativa de alteração desta realidade se manterá inócua e superficial, que apenas reproduzirá a forma objetiva modernamente concebida.⁴ De outra parte, mas inseparável dessa premissa, situa-se a “realização progressiva da igualdade substantiva” que se contrapõe à mera formalidade de igualdade divulgada ao longo da história moderna e visa, portanto, a derrocada da desigualdade substantiva que se coloca como “obstáculos a serem transpostos dificilmente” (MÉSZÁROS, 2007, p. 186).

O que Mézáros (2002, p. 222) propõe é o redirecionamento do avanço produtivo existente, substituindo premissas quantitativas que apenas encobrem os reais desenvolvimentos deste mundo e favor de uma mudança qualitativa dessa realidade. Sugere, portanto, uma redefinição qualitativa que abarque “toda a humanidade em termos de substantiva igualdade, em vez de continuar excluindo a avassaladora maioria dos seres humanos dos frutos do avanço produtivo, como aconteceu durante o longo período de ascendência histórica do capital”.

Nessa perspectiva, trata-se da construção de uma alternativa social, que se realize mediante a ruptura com o atual sistema, que produzirá uma modificação radical na base de realização socioeconômica, e a concepção de uma sustentabilidade real é que oferecem o subsídio para tal mudança. Uma noção imbricada no suposto de intervenção social constituída mediante o processo de universalização gradativa da igualdade substantiva. Esclarecendo essa ideia, Mézáros (2007, p. 190, grifos do autor) afirma:

Pois sustentabilidade significa estar realmente *no controle* dos processos sociais, econômicos e culturais vitais, pelos quais os seres humanos não apenas sobrevivem, mas também encontram realização, de acordo com os desígnios que estabeleceram para si mesmos, ao invés de ficarem à mercê de forças naturais imprevisíveis e

⁴ Exemplificando as proposições superficiais de “sustentabilidade” situa-se os reclames emergentes do discurso ecológico, no qual propõe paliativos que pouco contribuem para uma real manutenção dos recursos naturais existentes, implicando apenas novas formas de consumo que não alcança a real causa do problema, perpetuando mais uma vez o hábil processo de *desenvolvimento sociometabólico* do capital.

determinações socioeconômicas *quase* naturais. Nossa ordem social existente se constrói no antagonismo estrutural entre capital e trabalho e, portanto, requer o exercício do controle externo sobre todas as forças recalcitrantes.

Esse "controle externo" visa a manutenção da ordem social vigente apoiando-se na ideia da naturalização dos processos que são, objetivamente, processos sociais. Romper com esse aparato de controle é o primeiro passo em direção a outra forma de realização da vida. Daí a necessidade de apoiar exatamente aquilo que o controle autoritário do capital aniquila reiteradamente ao longo da história, que são as formas de resistência e insurreição ainda possíveis. Romper com a naturalização dos processos sociais e marcar um posicionamento de crítica frente a isso, bem como a luta contra a continuidade desse sistema é condição *sine qua non* para construção da igualdade substantiva.

Para tanto é preciso se pautar por outra forma de controle, que segundo Mészáros (2007, p. 191) deve romper com a noção de externalidade de controle dos processos sociais que se fazem "de cima para baixo", uma imposição permitida ao longo da história e que consolida as práticas constitutivas do sistema sociometabólico do capital. Em contrapartida a essa realidade se apresenta uma outra perspectiva, uma proposta de superação deste modelo, que se esboça a partir da noção de "*interno/autodirigido*", na qual os sujeitos sociais tomam a noção de controle como algo necessário, tendo em vista a exigência histórica de constituição de práticas de sustentabilidade que apontem para a manutenção da vida humana no planeta, no entanto, tal controle não será imposto de forma externa, ao contrário, será conscientemente realizado, com base na noção de cooperação, subsidiado pelo plano da igualdade substantiva.

Na busca por esse alcance é indispensável a concreta dissolução das "condições de reprodução sociometabólica" do capital. Para Mészáros (2002) o primeiro movimento desse alcance é a clara compreensão de que embora o sistema capitalista busque reiteradamente superar os seus limites, algo que lhe é inerente, possui o limite intransponível da objetividade. Sendo assim, tanto o campo de exploração do trabalho, como dos recursos naturais existentes demonstram tal contradição por não serem fontes de proveito ilimitadas e por isso mesmo tendem a uma inevitável exaustão. No caso de não se abdicar desta exploração, o que se anuncia é o extermínio da própria humanidade do planeta (MÉSZÁROS, 2002, pp. 252-256).

Por mais que esse limite seja explícito e amplamente denunciado por estudiosos de vários campos do saber, bem como por vários movimentos sociais, faz-se necessária a compreensão da fundamental articulação das esferas da produção com

a reprodução da vida, dimensões estas inseparáveis na constituição de qualquer realidade sócio histórica. É preciso considerar, portanto, a sofisticação dos processos de reprodução sociometabólica que operam de maneira eficiente na sustentação desse sistema. Trata-se de uma ideologia entranhada na realidade objetiva, que obscurece o próprio desvendamento das vicissitudes que compõem o seu real funcionamento. É preciso, portanto, alcançar a potencialidade dos limites objetivos que se esboçam historicamente, como, também, alcançar a amplitude dessa reprodução que abarca as mais variadas esferas da vida, em processos cada vez mais complexos e sutis. A dissolução da reprodução sociometabólica é, paralelamente, o acirramento dos limites da produção capitalista.

Com vistas na determinação destes limites que a concepção de igualdade substantiva ganha força na discussão de Mészáros (2002; 2007). As contradições insuperáveis do capital abrem o precedente para a cobrança de uma outra forma de se realizar a vida sem que para a isso a própria humanidade esteja em risco constante e inevitável. Essa cobrança coloca em causa o resgate do princípio de igualdade em sua forma mais vigorosa, como substrato de uma outra era para o gênero humano.

Neste sentido, a condição necessária para uma verdadeira solução (e não manipulações e postergações temporárias) dos conflitos, por meio do internacionalismo socialista, é a adoção de um princípio estruturador realmente democrático e cooperativo nos próprios microcosmos da reprodução social, fundamentando a possibilidade inicial da auto-administração positiva e a "coordenação lateral" dos produtores associados em escala global (em oposição à, no momento, subordinação vertical prevalecente a um poder controlador estrangeiro) (MÉSZÁROS, 2002, p. 247-248).

O imperativo da igualdade substantiva se coloca como alternativa ativa para a edificação de outra forma societária, mediante a constituição do alicerce que ela própria será o principal substrato. Uma base pautada pelo princípio dessa igualdade produzirá uma outra estrutura social, constituída não mais por antagonismos de classe⁵ e sim a igual associação, tanto no campo "microcosmo", no qual se refere os espaços de reprodução social em suas mais sutis realizações, como é o caso da instituição familiar, incluindo aí a importante demanda da emancipação feminina, ou no "macrocosmo" social em que se articula na globalidade do sistema

⁵ Mészáros (2002) trata a questão dos antagonismos de classe como algo constitutivo e determinante do sistema capitalista, resultado pelo qual o sistema permanece em uma matriz "conflitual/adversa", traço este que lhe é inerente. Ele afirma que contraditoriamente tal característica essencial do sistema capitalista é, também, o cerne da sua própria destruição.

sociometabólico do capital em sua objetividade abrangente que desenvolve-se, “desigual e combinadamente”, em todo o planeta.

Trata-se, portanto, da edificação de outra estrutura social que se pauta pela noção de “produtores associados”. Este será o espaço da plena realização da igualdade, tornando-se “substantiva” por nomear uma forma social em que todos possam de fato participar tanto do processo de produção, como do usufruto dessa produção, implicando participação coletiva em todos os processos concernentes desta outra realidade. Essa dupla participação dos sujeitos no processo produtivo refere-se, ao mesmo tempo, ao fim do sistema capitalista que se baseia no antagonismo de classe e, simultaneamente, ao momento de elevação das relações sociais ao plano da igualdade substantiva. Sendo assim,

[...] a solução dos antagonismos explosivos, que não se podem reprimir indefinidamente, só é plausível em uma sociedade em que, por um lado, o próprio trabalho seja *universalizado*, envolvendo de forma consciente cada indivíduo singular, e, por outro lado, que os frutos potencialmente mais generosos da dedicação positiva dos indivíduos aos seus objetivos produtivos sejam *igualmente repartidos* entre todos eles (MÉSZÁROS, 2007, p. 236 – grifos do autor).

A proposta socialista se evidencia na perspectiva de Mézáros como a opção mais viável, como “o necessário modo alternativo de reprodução das nossas condições neste planeta finito” (MÉSZÁROS, 2007, p. 237). No caminho para esta realização ele atenta não só para a necessidade de se superar os antagonismos existentes, mas simultaneamente a isso, a “adoção de uma forma de controle sociometabólico racional e humanamente recompensadora”. O autor refere-se ao imperativo do “planejamento” como forma norteadora dos processos que eclodirão em outra forma de realização da vida, tornando-se um elemento essencial no processo de consolidação socialista, bem como de sua permanência histórica. Assim,

O planejamento, no sentido mais pleno do termo, é um traço essencial do modo socialista de controle sociometabólico. Pois o nosso modo de controle deve ser viável não apenas no que se refere ao impacto imediato da atividade produtiva sobre as condições de reprodução individual e societária, mas também *indefinidamente*, tão distante no tempo quanto se pode e se deve entrever no interesse de instituir e manter vivas as salvaguardas apropriadas (MÉSZÁROS, 2007, p. 237).

Essa prerrogativa põe em causa a necessidade do contínuo vigor das finalidades imbuídas nesta proposta, ou seja, aponta para uma fidelidade ao que é projetado para a humanidade, abarcando desde o seu intento inicial – criação de uma outra realidade – até a perpetuação desse movimento. Caso contrário, a criação de outra realidade esbarraria em uma contradição recorrente dentro das propostas “inovadoras” do mundo burguês, na qual a aspiração revolucionária finda com a

ascensão de um grupo ao poder, apelando imediatamente para um conservadorismo que nega os próprios princípios que motivaram todo o processo revolucionário.

Tal premissa aponta, também, para uma reflexão importante realizada por Mészáros (2007) na discussão acerca da improbidade e inocuidade das propostas reformistas. Segundo o filósofo os rearranjos que são propostos ao longo da história do capital mapeiam paliativos que visam à manutenção do mesmo processo de acumulação do capital em sua concomitante exploração do trabalho, em um ambiente de mudança superficial que se assemelha a diversidade de indumentárias apresentadas a cada estação nos eventos de moda.

Contrariamente ao tom paliativo das ditas "reformas", Mészáros é radical em sua proposição. Ele situa o cerne da questão no urgente e necessário rompimento com a naturalização do conceito de igualdade e assim conclama a construção de outro mundo, que emerge do posicionamento cooperativo dos indivíduos e da luta contra a continuidade desse sistema, elementos estes a serem constituídos pela efetivação da igualdade substantiva. Esta vigorosa abordagem conceitual se constitui, principalmente, como proposição socialista revolucionária, que não se exime de identificar as experiências malogradas ao longo da história, mas focaliza esperanças fundamentais que colocam como horizonte, ainda que utópico, além do convívio da vida no planeta de modo efetivamente sustentável, a própria permanência da humanidade.

Referências

ANTUNES, Ricardo. Apresentação. In: MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: Rumo a uma teoria da transição**. Tradução de Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. Apresentação da capa. In: MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.

LINDEN, Marcel van der. The "law" of uneven and combined development: some underdeveloped thoughts. **Historical Materialism**, v. 15, n. 1, p. 145-166, 2007.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução de Artur Mourão. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1964.

_____. **O Capital:** crítica de economia política. Volume I, Livro primeiro. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx.** Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.

_____. **Entrevista: István Mészáros** – Avanço da esquerda na AL pode barrar semicolonialismo dos EUA. Entrevistadora: Ivana Jinkings. Fortaleza (BRASIL): Rede Voltaire, em 10 de maio de 2006. Disponível em <http://www.voltairenet.org/article138830.html>, consulta em 15/11/2017.

_____. **O desafio e o fardo do tempo histórico:** O socialismo no século XXI. Tradução de Ana Cotrim e Vera Cotrim. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **Para além do capital:** Rumo a uma teoria da transição. Tradução de Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2002.

Recebido em 19/11/2017

Aprovado em 03/08/2018